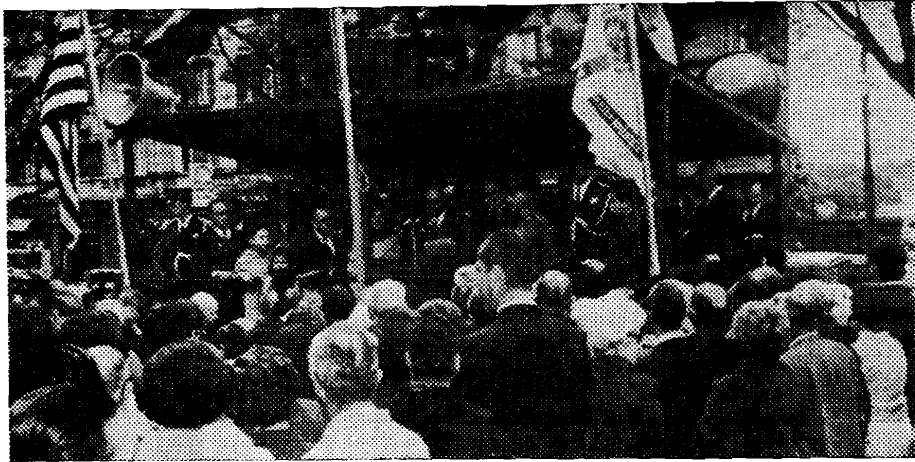




O Dr. Rezende Filho lendo a mensagem do Governador do Estado e depois o seu próprio discurso. Vêm-se, ainda, as três bandeiras: brasileira, paulista e da Associação Paulista de Homeopatia.

Discurso do Dr. A. Rezende Filho

A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA inaugura hoje este monumento, consagrado à memória de três médicos: ALBERTO SEABRA, ANTÔNIO MURTINHO NOBRE e AUGUSTO MILITÃO PACHECO.

Por que estão aqui reunidos, no mesmo monumento, esses três médicos ilustres? Porque clinicaram os três tendo como orientação terapêutica os princípios fundamentais da Homeopatia.

E por que um paulista, de Tatuí, um mato-grossense e um carioca têm os seus nomes perpetuados **nesta cidade de São Paulo**? Porque foi nesta cidade que eles exerceram, durante muitos e muitos anos, a sua atividade profissional: SEABRA, depois que se tornou homeopata, aqui clinicou 26 anos, MURTINHO, durante 38 anos, e PACHECO, mais de 50 anos. Foram muitos e muitos anos de atividade profícua, em que, com bondade, espírito de sacrifício, brilho de inteligência e excelente formação profissional, esses três médicos beneficiaram incansavelmente a população paulistana, sem distinguir entre ricos e pobres. Com efeito, o espírito de caridade foi traço predominante e comum a SEABRA, MURTINHO e PACHECO. Posso dar testemunho pessoal deste fato, através de inúmeras confidências recebidas de clientes que foram tratados pelos nossos homenageados.

A idéia da homenagem que hoje se concretiza nasceu na Associação Paulista de Homeopatia, por iniciativa pessoal do seu presidente, na ocasião — o Prof. Dr. DAVID CASTRO. A iniciativa teve boa repercussão, acabou sendo vitoriosa e hoje só nos cabe agradecer a David Castro, não só a idéia, como também os primeiros passos para a sua consecução, no que foi bastante auxi-

liado pelo Dr. ALFREDO CASTRO, atual Presidente da CRUZADA HOMEOPÁTICA e pelo Dr. ALFREDO DI VERNIERI, Vice-Presidente da ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA.

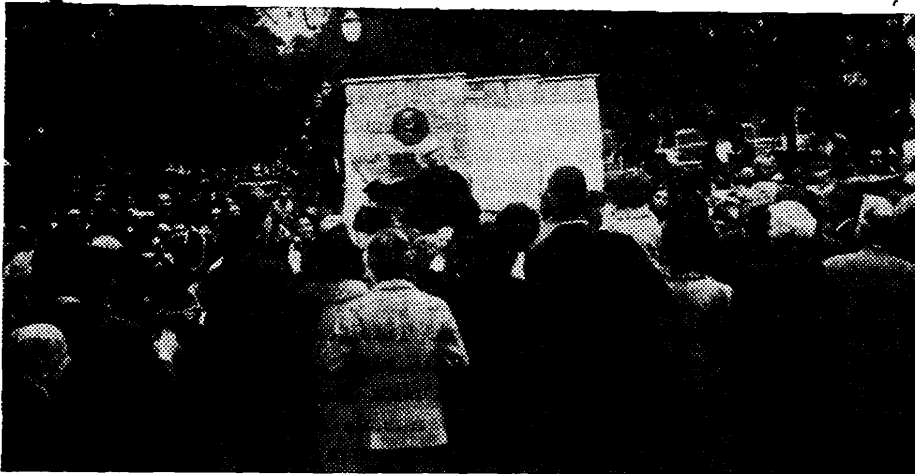
Um ilustre e operoso vereador desta cidade — BENEDICTO ROCHA — foi o veículo, o encaminhador, junto à Prefeitura Municipal de São Paulo, das aspirações e anseios dos homeopatas. A êle, os nossos cordiais agradecimentos.

Estende-se a nossa gratidão ao Sr. Prefeito do Município de São Paulo — Brigadeiro JOSÉ VICENTE DE FARIA LIMA, ao Dr. FIORE WALLACE CONTRAN VITA — Chefe da Administração Regional da Sé, ao Dr. RUBENS MARTINELLI FACCHINI — Chefe da Divisão de Parques e Jardins, ao Dr. DIDEROT CORRÊA DE JESUS — Chefe da Subdivisão de Serviços da Administração Regional da Sé e ao Sr. ANTÔNIO TÓRTORA, da Divisão de Divertimentos Públicos e Turismo. Por parte de todos, especialmente por parte do Dr. Facchini, a quem estava mais diretamente afeta a questão, encontrou a Associação Paulista de Homeopatia a melhor simpatia e boa vontade para com o projeto.

Voltemos agora as nossas vistas para o objeto da nossa inauguração. É simples, modesto, singelo. Por cima do arcabouço de cimento armado, fornecido pela dinâmica e progressista Prefeitura de São Paulo, humilde canteiro colocou, não mármore, mas pedras. Nada tem de volumoso, de grandioso, de "monumental". Mas nós, homeopatas, minhas senhoras e meus senhores, nós o vemos com os nossos olhos de discípulos de HAHNEMANN, nós o vemos como soldados da Homeopatia, cujos preceitos temos procurado seguir fielmente, como fielmente os seguiram SEABRA, MURTINHO e PACHECO. Nós o achamos belo, significativo, expressivo, êle fala aos nossos corações. E atentemos bem, minhas senhoras e meus senhores, para o verdadeiro significado da palavra "monumento". E, neste ponto, tenho a declarar que tive a ventura, na minha adolescência, de ser aluno de ALEXANDRE CORREIA. Com a sua extraordinária erudição, o grande mestre recorria freqüentemente à etimologia para explicar aos alunos a significação de certos termos. Seguindo as pegadas do meu antigo mestre de literatura e latim, recorri ao Torrinha e verifiquei que "monumento" vem de moneo, monui, monitum, monere, que quer dizer fazer lembrar. Vê-se assim que o primeiro sentido da palavra foi o de lembrar e não, por processo semântico, o de coisa grandiosa, majestosa. Por pequeno e simples que seja, temos assim uma finalidade cumprida: a de lembrar aos pósteros o bem que êstes três homens fizeram e a de lembrar também, na sua singeleza, a grandeza da Homeopatia, grande na solidez da sua doutrina, grande na solidez dos seus princípios fundamentais. Vejamos:

— As pedras verdes simbolizam a medicina: SEABRA, MURTINHO e PACHECO foram médicos e médicos que honraram o seu nome.

— Estão os nossos três homenageados com medalhões do mesmo tamanho, colocados à mesma altura: não há distinções a fazer. Estão colocados na or-



D.^a Zulmira Lebre Seabra descerrando o medalhão do Dr. Alberto Seabra. Em seguida o Dr. Eduardo C. Browne Jr. descerra o do Dr. A. Murtinho e o Cel. Floriano José Pacheco, o do Dr. Militão Pacheco.

dem alfabética dos seus nomes: Alberto, Antônio e Augusto. Esta ordem, por extraordinária coincidência, é também a do seu desaparecimento dentre os vivos.

— Quanto à Homeopatia, vêem os senhores, pela parte da frente, o primeiro princípio — *SIMILIA SIMILIBUS CURENTUR* — na sintética língua latina, tão sintética que permitiu a disposição das três palavras que o compõem em cada uma das partes constitutivas do monumento. Lei dos Semelhantes, a que obedeceram SEABRA, MURTINHO e PACHECO e a que obedecem todos os homeopatas do mundo, lei segura, científica, a única lei geral de cura até hoje conhecida. Pela parte de trás, vêem-se os outros três princípios: *EXPERIENTIA IN HOMINE SANO*, isto é, segura base experimental, instituída por SAMUEL HAHNEMANN, o verdadeiro introdutor do método experimental em medicina; *UNITAS REMEDII* — grito de revolta de Hahnemann contra a confusa e desregrada polifarmácia do seu tempo; e por fim, *DOSES MINIMAE*, as antigamente ridicularizadas doses infinitesimais, hoje aceitas e empregadas por todos os médicos, sem distinção de escolas — escolas que já não devem subsistir, pois que todos somos médicos, com uma só finalidade: curar, aliviar, consolar.

Só me cabe agora agradecer a presença de tôdas as autoridades civis, militares e eclesiásticas, a presença das famílias e representantes dos homenageados e a tôdas as outras pessoas que compareceram a esta cerimônia de inauguração.

Tenho dito.

Discurso do Prof. A. Di Vernieri

Cinzelar a figura excelsa de Alberto Seabra, apesar dos meus deméritos, é para mim um dever imanente de gratidão, porque tive o autêntico e inesquecível privilégio de ser seu discípulo, poderia dizer dileto, quando os eflúvios da sua amizade e do seu fecundo saber enchem de luz o meu espírito, durante os anos em que penetrávamos, êle como o melhor dos mestres, eu como desajeitado neófito os arcanos da Homeopatia. Essa mesma conjuntura me conduz hoje à revivência de um passado, ainda e sempre presente em minha memória, levando-me a desdobrá-lo, com infinita pobreza de cores e de formas, neste ato de fé e de benemerências. Para falar-vos de Alberto Seabra, bastaria fazê-lo repetindo o ilustre acadêmico René Thiollier, ao iniciar o seu formoso discurso de posse à douda ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, com a maravilhosa síntese desta frase: — "Alberto Seabra foi uma poderosa organização mental". Impossível, portanto, revivê-lo apenas como homeopata, embora a Homeopatia tenha sido, no último quartel de sua vida, a nota predominante de seus estudos e de sua capacidade profissional, dela fazendo-se, com inequívoca e vigorosa autoridade, o paladino impar, defendendo-a, ensinando-a, divulgando-a, com a eloquência dos doutos, o esmêro dos mestres e o altruísmo dos grandes.

Na verdade, tão intensa, tão polimorfa e tão fecunda foi a sua mentalidade que difícil seria prendê-lo a um marco isolado dentro dos conhecimentos humanos, vagando êle, como sabia vagar, em todos os mares, como seguro e intemorato timoneiro, perseguindo e dominando os objetivos a que se propunha atingir, calcado numa cultura invejável, abeberada em longas vigílias até chegar às culminâncias da sábia ignorância de que nos falam os filósofos.

Alberto Seabra, descendente de um tronco de consagradas tradições paulistas, nasceu em Tatui, neste Estado, filho dos saudosos Coronel Lúcio José Seabra e da Exma. Sra. D. Carolina de Mello Franco Seabra. A sua vida de estudante, em tôdas as fases, foi uma trajetória fulgurante, o que lhe valeu um lastro incomum de cultura e lhe garantiu certa e fecunda independência de conceitos filosóficos e sociológicos, além dos inerentes à arte médica que abraçara com entusiasmo e devotamento. Apenas formado, tornou-se emérito psiquiatra, quando êste ramo da medicina era apenas um devaneio, depois de haver haurido, por inteiro, Freud e os seus seguidores de tôdas as correntes. Fez-se sociólogo, defendendo o Georgismo, cuja filosofia lhe pareceu adequada a resolver o problema da injustiça social e econômica que ainda hoje estamos vivendo.

Da filosofia, chamada esotérica de Pitágoras, fêz-se defensor escrevendo o seu conhecido e aplaudido livro "Versos áureos de Pitágoras" convencido de que da referida filosofia nascera a ciência experimental dos nossos dias e filiou-se à doutrina da imortalidade da alma, reforçando assim a efemeridade do "pulvis es", para a nossa fixação na eternidade.

No seu precioso livro "ALMA E O SUBCONSCIENTE" êle nos revela mais uma das luminosas facetas da sua personalidade, abrindo luta contra os conceitos do materialismo médico, enaltecendo, na justa medida, a moderna psicologia e neste trecho da sua obra encontramos admiravelmente sintetizado êste fecundo raciocínio: — aceitar os fatos sem espírito crítico, sem inquérito sobre

a sua autenticidade, sem reflexão segura é adquirir uma mentalidade crédula e fantástica. Refutá-las "a priori" só porque tomam ares revolucionários, em antagonismo aparente aos conhecimentos sistemáticos da ciência moderna é esclerosar-se em mentalidade rija, sem dutilidade, conservadora e prestes a fossilizar-se".

Dêsses extremos, Alberto Seabra soube afastar-se, gizando uma ordem de idéias e conceitos que o tempo vem, de certa forma, provando. Abordou assuntos de natureza psíquica com elegância e objetividade, fugindo tantas vezes das conceituações clássicas e dos exageros filosóficos diversificados.

Alberto Seabra, inegavelmente, atingiu o auge da sua grandeza intelectual e cultural no estudo, na defesa e na aplicação da Homeopatia. Escreveu obras de exposição da doutrina homeopática, tais como "A verdade em Medicina", "Esculápio na Balança", "Seara de Hahnemann", além do seu conhecidíssimo e pequeno tratado de "Higiene e Tratamento Homeopático das Doenças Domésticas", reeditado inúmeras vezes. Polemista notável, fez conferências memoráveis e escreveu intensamente pelos jornais da época, mantendo debates com os opositores da Homeopatia, destacando-se as famosas "Cartas abertas" publicadas pelo antigo "Correio Paulistano" e dirigidas ao Dr. Luiz Pereira Barreto. Esse eminente sábio combatia em termos candentes a Homeopatia, conseguindo Seabra entretanto levar a melhor. Hoje, o capricho do destino fez com que se implantasse a sua efigie em bronze diante do monumento do seu ferrenho e ilustre opositor.

Por êsse cabedal imenso de lições que nos ligou, a todos que nos debatemos pela afirmação e sobrevivência da Homeopatia, está inteira e perfeitamente justificada esta homenagem à grande figura de Alberto Seabra. De acôrdo com a sua própria convicção da eternidade da alma, podemos afirmar estar êle aqui presente, na companhia de Murtinho Nobre e Militão Pacheco, perdoando-nos, é certo, êstes arroubos inconseqüentes, mas colhendo, hoje, novos louros do seu estágio terreno porque, realmente, fecunda e luminosíssima foi a sua obra, levando-nos a honrar-lhe a própria memória nesta lápide singela, despretensiosa, quase humilde, porém de profunda significação humana, gratíssima e consoladora.

*Exerceram a clínica homeopática com devotamento,
competência e espírito de caridade.*

HOMENAGEM
DA
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA
1968

Placa de bronze colocada no piso do monumento.